Revista Angolana de Sociologia

11 | 2013
Sociologia e prática social

Violência e fragmentos da guerra em Angola

Gilson Lázaro

Edição electrónica
URL: http://journals.openedition.org/ras/392
DOI: 10.4000/ras.392
ISSN: 2312-5195

Editora
Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa
Data de publição: 1 junho 2013
Paginação: 143-146
ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica
Gilson Lázaro, « Violência e fragmentos da guerra em Angola », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 11 | 2013, posto online no dia 09 dezembro 2013, consultado no dia 22 setembro 2020. URL : http://journals.openedition.org/ras/392 ; DOI : https://doi.org/10.4000/ras.392

© SASO

Violência e fragmentos da guerra em Angola – *Gilson Lázaro*

Assis Malaquias

2007: *Rebels and Robbers. Violence in post-colonial Angola*

Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 263 p.

No seu livro intitulado *Rebels and Robbers. Violence in post-colonial Angola* (Rebeldes e ladrões: violência pós-colonial em Angola), publicado pelo Instituto Norueguês de Estudos Africanos, em 2007, Assis Malaquias dá corpo a uma perspectiva de análise que nos parece interessante a ter em conta, pois a ausência de um debate crítico sobre a violência tem criado zonas cinzentas na história do país.

O livro é interessante pela perspectiva sobre a qual o autor sustenta a análise e nos convida a uma leitura atenta e crítica. Assis Malaquias, a despeito dos traumas que envolveu uma participação próxima à UNITA, constrói seu argumento a partir de uma perspectiva da economia política da violência no contexto pós-colonial angolano. O centro da argumentação no livro parte do pressuposto segunda a qual o país herdou a estrutura da violência do período colonial, ao mesmo tempo que, a divisão entre as elites nacionalistas, o estado pós-colonial e a guerra civil cristalizaram essa mesma estrutura. Esta violência segundo nos sugere Malaquias é transversal à "elite libertária" angolana e o Estado independente de tipo revolucionário. Ou seja, a pesada estrutura do estado colonial conferiu legitimidade as "elites libertárias" e o Estado revolucionário da primeira república para o seguimento da cultura de violência de que o país viveu e passados 35 anos ainda se esforça para superar. Seja porque a "elite libertária" conforme nos sugere Severino Ngoenha, filosofo moçambicano, na obra "*Filosofia africana: das independências às liberdades*" (1993), fez recurso a violência para se emancipar no quadro de um sistema repressivo colonial, mas que passado o período emancipatório, o salto qualitativo não foi feito.

Segundo Assis Malaquias [2007: 45], a "violência – física e estrutural – tem dominado a história de Angola pós-colonial. A situação não foi inteiramente explicada porque imediatamente as grande

potências condicionaram o carácter do novo Estado – especialmente da ordem colonial e, paradoxalmente, os movimentos de libertação que lutavam para derruba-lo, ambos foram violentos".

Assis Malaquias, na sua análise sobre o estado pós-colonial, aplica similares categorias que Mamdani na obra "*Citizen and Subject: Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism*" (1996), quando discute às noções de etnicidade, classe, raça e ideologia criadas pela estrutura do estado colonial bifurcado no período pós-conferência de Berlim ou também denominado de colonialismo tardio. Quer com isso dizer, que as categorias (civilizado/assimilado e cidadão/indígena) inventadas pelo sistema colonial português serviram para tipificação das relações sociais marcadamente desiguais, do qual o estado pós-colonial se apropriou e deu seguimento como base para a criação do espaço político e a manutenção do poder.

Um dos aspectos que mereceu a nossa atenção tem que ver com a conceptualização de violência. Ao que tudo indica, Malaquias apoia-se a discussão de violência marcada pela obra intitulada "*The Revolution – the anotamy of an Explosion and Exile Politics and guerrilha warfare*" em II volumes (1969 e 1976), de Jonh Marcum. Este autor americano foi pioneiro da discussão sobre a transição a que caracterizou de revolucionária no período da luta anti-colonial, bem como as clivagens existente entre os movimentos nacionalistas. Para além de Marcum, Malaquias faz uso de um outro autor americano de nome Ronald Chilcote, cuja obras são "Portuguese Africa" (1967) e "Emerging Nationalism in Portuguese Africa: documents" (1972), e socorre-se maioritariamente de uma bibliografia em língua inglesa, o que limita em parte a análise, pois a visão interna sobre os acontecimentos que marcaram a história mais recente do país são igualmente importantes ter em consideração quando se pretende coerência analítica.

Com efeito, o livro abre inúmeras brechas para a leitura da história de Angola desde o início da luta armada que culminou com à independência nacional e seguiu-se a uma intensa batalha pelo poder político entre os três movimentos de libertação e envolvimento Políticamente polémico das duas expotências mundiais e parceiros estratégicos regionais nos apoios militar, diplomático e financeiro.

Pode-se verificar à vista desarmada pelo menos cinco premissas importantes a ter em conta que orientam a leitura do livro. A primeira tem que ver com a bibliografia consultada pelo autor que, provavelmente, tenha influenciado grandemente a abordagem dos acontecimentos em Angola, além da experiência própria de qualquer investigador que estuda e observa de perto ou de longe as dinâmicas sociais. A segunda, mais analítica, tem que ver com uma abordagem não suficientemente crítica do conceito de violência em Angola, que remete-nos imediatamente para uma apreciação meio problemática, pois apresenta uma divisão da sociedade angolana em duas partes, ou seja, a bipolarização entre o MPLA e a UNITA quando procura sinalizar os espaços que esses dois partidos ocupam no cenário da guerra. A esse respeito, importa ter em atenção autores que tratam detalhadamente desse aspecto, nomeadamente Christine Messiant no artigo "*MPLA et UNITA : processus de paix et logique de guerre*" (1995), publicado num dossier mais vasto intitulado "L'Angola dans la guerre", além da obra "*L'Angola postcolonial*" (2008); Paulo de Carvalho no seu artigo "Guerra, nunca mais!" (2002), publicado numa colectânea a seguir às negociações de paz, bem como a obra *Angola. Quanto tempo falta para amanhã?* [2002]. Destacam-se também duas outras autoras: Augusta Conchiglia com a obra "*UNITA, myth* and *reality*" (1990) e Victoria Brittain no seu artigo "*Beleaguered Angola Los to Kremlin*" (1986), apenas

para citar estes. Malaquias escorrega na armadilha analítica demasiadamente restritiva que ignora a multiplicidade que compõe a sociedade angolana, por si reveladora de várias visões sociais e partes integrantes da guerra que se viveu país adentro.

A terceira premissa tem que ver com o título do livro, densamente irónico, que se move pela mesma bipolarização, pois coloca em partes opostas os "rebeldes" e os "ladrões" vítimas e, ao mesmo tempo, protagonistas do clima de terror e violência que se viveu no país. O título mostra igualmente um certo mal-estar da academia em tratar do assunto da guerra e revela uma visão problemática, porque assenta no maniqueismo entre os "bons e dos maus da guerra civil angolana".

A quarta premissa diz respeito à tendência analítica de certa tradição académica euro-americana que coloca em destaque a intervenção das duas potências mundiais no período da guerra fria, ou seja, há uma subordinação dos actores internos pela intervenção dos actores externos, quando considera que Angola foi apenas palco de uma guerra mais violenta de África que oponha os interesses dos Estados Unidos da América e da União Soviética do qual o autor faz uso corrente.

Actualmente, esta leitura dos acontecimentos ainda é fortemente atractiva e serve de modelo explicativo válido para a guerra em Angola, o que contrasta, por exemplo, com o esforço de uma visão interna de Nelson Pestana no seu artigo "*Da paz militar à paz civil: Angola, à procura do seu passo*" (2003); Michael Comerford com a obra "*O Rosto pacífico de Angola: biografia de um processo de paz*" (2005) e Benedict Schubert "*A guerra e as igrejas - 1961-1991*" (2000) quando tratam do envolvimento de outras forças internas no conflito, principalmente das igrejas e autoridades locais.

Há, portanto, no livro de Assis Malaquias a descrição de pelos menos três momentos historicamente verificáveis que configuram três ordens violentas correspondentes, nomeadamente a colonial e dos três movimentos de libertação (FNLA, MPLA e UNITA) com os apoios externos, do Estado Revolucionário e da insurreição armada protagonizada pela UNITA até 2002.

A quinta e última premissa está relacionada com a economia da guerra que tanta discussão motivou dentro das academias euro-americanas, na medida em que, para ganhar visibilidade, produziu uma análise meio patológica da corrupção dos Estados africanos em geral e angolano em particular que fez escola mundo fora. É como se a corrupção fosse inerente aos Estados Africanos e movimentasse, por via disso, a vida sócio-económica e toda a estrutura social que lhe sustenta como caricaturou Patrick Chabal e Jean-Pascal Daloz na obra *Africa works: Disorder as Polítical Instrument*, ou seja, em português, *A África funciona: a desordem como instrumento político*, de 1999.

Finalmente, o livro é também um momento de catarse acerca da experiência traumática da sociedade angolana, onde o autor privilegia certo tipo de análise e dialoga constantemente com os seus próprios traumas e memórias da guerra civil.

Referências bibliográficas

BRITTAIN, Victoria,
1986: "Beleaguered Angola Los to Kremlin", *The Guardian*, London, 7 May

CARVALHO, Paulo de
2002: "Guerra, nunca mais!", Angola, à procura do seu passo, *Revista Política Internacional*, nº 25, pp. 157-163
2002: *Angola, Quanto tempo falta para amanhã?,* Oeiras: Celta

CHABAL, Patrick & DALOZ, Jean-Pascal
1999: *Africa work's: Disorder as Political Instrument*, Oxford and Bloomington: James Curry and Indiana University Press

CHILCOTE, Ronald H.,
1967: *Portuguese Africa*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
1972: *Emerging Nationalism In Portuguese Africa: documents*. Stanford: Stanford University Press

COMERFORD, Michael
2005: *O Rosto pacífico de Angola: biografia de um processo de paz (1991-2002)*, Windhoek: Edição do autor

CONCHILGLIA, Augusta
1990: *UNITA. Myth and Reality*, London: ECASAAMA/UK

MARCUM, John
1969: *The Angolan Revolution, - vol. I: The anatomy of an Explosion (1950-1962),* Cambridge: The MIT Press
1978: *The Angolan Revolution, vol. II: Exile Politics and Guerrilha Warfare (1962-1976)*, Cambridge: The MIT Press

MAMDANI, Mahmoud
1996: *Citizen and Subject: contemporary Africa and the legacy of late colonialism*, Princeton: Princeton University Press

MESSIANT, Christine
1995: "MPLA et UNITA : processus de paix et logique de guerre", In: L'Angola dans la guerre, *Politique Africaine*, nº 57
2008: *L'Angola postcolonial*, Vol. I e II, Paris: Karthala

NGOENHA, Severino
1993: *Filosofia africana: das independências às liberdades*, Edições Paulistas-África

PESTANA, Nelson (org.)
2002: "Da paz militar à paz civil: Angola, à procura do seu passo", *Revista Política Internacional*, nº 25, pp. 151-155

SCHUBERT, Benedict
2000: *A guerra e as Igrejas. Angola 1961-1991*, Basel Switzerland: P. Schlettwein Publishing